



Jesu-Christo curando os enfermos no templo

O homem eleva-se, sublima-se, por se julgar o unico ser que a natureza dotou com o raciocinio.

Pondo de parte o arrojo da asserção, será um bem esse dote?

A muitos parecer-lhes-ha absurda a pergunta porque desde a sua infancia se lhes ensinou que a posse da alma era o caracteristico da nossa superioridade sobre os outros seres que povoam este globo, e porque nunca tentaram descerrar o veo que encobre os mysterios da sciencia; a outros torna-se a pergunta ociosa porque já ha muito decidiram a questão, resolvendo-a a favor da humanidade; a poucos encontra duvidosos e incertos da resposta que devem dar.

Pertencemos a estes ultimos.

Não é nosso intento estudar agora os argumentos pró e contra que se dão nesta questão, que tanta controversia admite, mas, simplesmente, apresentar um ponto, que mostra a degradação e a sublimidade da raça humana.

Esse ponto, que de grande peso é para a controversia de que fallamos acima, é a religião.

A religião eleva o homem, patenteia as bellas da alma, e dá-nos a esperança de uma vida futura, aspiração sublime, imagem do infinito e eterno.

A elevação do homem está nisto; vejamos a prova do seu rebaixamento pela religião.

As ambições, as invejas, todo o cortejo enfim que acompanhará a humanidade enquanto ella existir, prova-nos que os homens necessitam de um freio, para não serem peiores que os outros

seres que povoam a terra. Sem religião a preveridade do homem ostentaria todo o seu poder.

A existencia da religião prova-nos, pois, que se tem havido espiritos elevados para comprehendem o alcance que ella tem para bem da humanidade mostra-nos ao mesmo tempo que se torna uma necessidade para enfrear paixões vis, que, fariam brevemente o homem descer do seu pedestal como rei da criação.

Se a religião é tão necessaria ao homem, muito devemos aquelles que só tiveram por norte na vida, o esforçarem-se por enraizal-a no coração humano.

Jesus, apparece no principio da nossa era, e illumina o mundo com os fulgores das suas bellas e elevadas idéas. Institue uma religião toda de paz e concordia, e grande moralista prende os corações pela singelleza das suas maximas.

Ao Deus de vingança de Israel substitue o Deus-Providencia, curando desta arte os enfermos d'alma, dando-lhes vigor ás esperanças, e confiança nas misericordias de um Ser justo e bondoso.

Jesus, porém, não curava só a alma; as enfermidades phisicas encontravam alivio quando se lhe aproximavam. A bondade com que acolhia todos attrahia-lhe todos os corações, e só era incomprehensivel para aquelles que viam, nas suas idéas, um inimigo poderoso a combater para bem das suas ambições.

A nossa estampa apresenta Jesus curando no templo muito enfermos. — Como bom pae dando

a uns allivio para dores moraes, a outros curando-lhes as enfermidades.

Dezenove seculos já decorreram, e a religião que elle instituiu, baseada na sã moral, tem continuamente contado novos adeptos, e ajudado a civilisação a progredir consideravelmente.

Virá um dia em que seja a religião universal? Assim o cremos. W.

O ABBADE DE L'ÉPÉE

(Continuado de pag. 61)

II

Julgára-se muito tempo (e os mais sabios medicos da antiguidade haviam partilhado esta opinião) que a mudez era uma consequencia forçada da surdez; que os órgãos auditivos e os da falla, prezos uns aos outros por uma ligação natural, se paralytavam reciprocamente, e que não podia articular uma palavra quem não era sensível ás palavras articuladas por outros. Contudo, a excepção prevista pela lei romana, *si enim vox articulata eis natura concessa est*, parecia comprovar a existencia de alguns casos em que os surdos não eram forçosamente mudos. Foi nisso que reflectio o benedictino hespanhol, e foi o que lhe fez considerar como possível conseguir que os surdos-mudos pronunciassem palavras. Admittida a explicação da mudez, como os medicos a apresentam, pela accumulção de materias na cavidade interna da orelha, ou pelo entumecimento das glandulas, ou por uma excrescencia dura que tapa o conducto auditivo, nada tem com estas causas de paralytia dos órgãos auriculares os órgãos da falla, e a causa unica da mudez, ou antes da impossibilidade para os surdos-mudos de articularem sons intelligiveis, é o não poderem elles imitar aquillo de que não tem percepção.

Pensou, por conseguinte, o benedictino Pedro Ponce que o órgão vocal nos surdos-mudos podia ser posto em actividade senão pela excitação auditiva, pelo menos pela excitação visual, ou, como hoje se diz em termos dum pomposa technologia «pela impressão tactil das ondas sonoras.» Era difficil, era longa e trabalhosa a aprendizagem.

Todas as grandes descobertas principiam assim. Nenhuma das maravilhas do genio humano que hoje nos assombram, safo completa da cabeça dum homem, como a Pallas grega da fronte olympica de Jupiter. A phantasia dum homem de genio é primeiro illuminada por um relampago. Basta esse rapido clarão para illuminar a estrada. Outros a percorrem; este avança, ainda tacteando e mal seguro, aquelle ergue no meio della um marco indicador, terceiro vem que enfaixa os raios de luz dispersa, e que ao immenso clarão do seu genio não menos creador do que o do primeiro que iniciou a descoberta, mostra á humanidade espantada a maravilha que se juntou definitivamente aos fastos triumphaes dos prodigios da intelligencia.

Este ultimo absorve em si a gloria completa, de que, pelo menos, algumas parcellas deviam caber tambem aos seus predecessores. Não é, com tudo isso, tão injusto como parece. Genio verdadeiro é o que abrange, do ponto de vista elevado, onde se colloca, todo o alcance dum grande

descoberta, o que definitivamente a conquista e lhe dá o lugar que lhe compete. Esses podem affoitamente appropriar-se dos esforços dos seus predecessores, pronunciando a formula audaciosa de que tanto se tem abusado: *Je prends mon bien où je le trouve*. Por isso debalde Papin, Savery, Newcomen precederam, na lista dos descobridores da machina de vapor, o nome triumphante de Janies Watt, a este cabe a maior e a melhor porção da gloria, porque foi elle que soube fazer brotar dos elementos confusos, que encontrára, a luz dessa grande descoberta, porque foi elle quem dotou definitivamente a humanidade dessa força ingentissima, porque foi elle quem arrojou á industria a mais portentosa machina, de que lhe tem sido dado dispor.

Assim tambem no assumpto que nos occupa, debalde o hespanhol Ponce, o portuguez Jacob Rodrigues Pereira, e francez Vanin encetaram gloriosamente a tarefa da emancipação dos surdos-mudos. Cabe-lhes, por isso, incontestavelmente, uma gloria immortal, mas acima de todos esses nomes de precusores brilha radiantissimo (como o sol que esplende depois dos primeiros cambiantes luminosos da aurora) o nome do homem, cujo retrato adorna as paginas do *Panorama*, do homem modesto e santo que vamos biographar, do abbade de L'Épée.

III

Pronunciámos, no capitulo antecedente, um nome, diante do qual não podemos passar indifferentes, porque é um nome de portuguez, porque tão habituadas estão as sombras dos nossos homens notaveis a serem olvidadas por estrangeiros e compatriotas, que, ainda que o nosso assumpto principal seja a biographia do francez illustre que por tantos titulos merece o respeito e a veneração da posteridade, não podemos deixar de restituir ao menospresado portuguez a gloria que lhe compete, e de apresentar, quanto podermos, na sua verdadeira luz, esse vulto que tem sido objecto dos juizos mais contradictorios, ou, para maior simplicidade de narrativa, tem sido suprimido pelos escriptores que historiaram os esforços emprehendidos para a educação dos surdos-mudos.

Queremos fallar do judeu portuguez Jacob Rodrigues Pereira.

Alguns escriptores portuguezes, por um patriotismo mal entendido, quizeram reivindicar, para o nosso conterraneo, a gloria de iniciador do ensino dos surdos-mudos, e um delles, o sr. Alexandre Magno de Castilho, fundando-se nuns artigos que o sr. Gama e Castro publicára na *Opinião Publica* de Paris, chegou mesmo a escrever, num dos formosos livrinhos do seu *Almanak de Lembranças*, o seguinte periodo:

«Sejâmos, pois, orgulhosos por haver sido um dos nossos compatriotas o primeiro que se lembrou de aproveitar, para a sociedade e para si proprios, homens de que nem elles nem ella pareciam poder tirar grande proveito.»

A confrontação das datas desmente a asserção. Jacob Rodrigues Pereira vivia no seculo XVIII, e foi em 1584 que falleceu o benemerito hespanhol Pedro de Ponce, o primeiro que tentou resolver essa grave questão, e que pôde tirar das trevas em que viviam dois irmãos do condestavel Velasco. Seria, era com certeza difficultoso o me-

thodo, embaraçoso, envolto ainda nas faixas da primeira infancia; mas o germen lá estava, a semente fóra lançada á terra.

—Escriptores estrangeiros, pelo contrario, ou não citam o nome de Jacob Rodrigues Pereira, ou o apresentam como mero copista do systema do frade hespanhol. Outra grave injustiça que os factos desmentem. E' entre os dois extremos que a verdade se encontra.

Jacob Rodrigues Pereira está collocado entre os dois bemfeitores dos surdos-mudos, como o elo que os liga. Aperfeioa o systema do primeiro, presente e prepara o systema do segundo. O seu methodo é ainda, para assim dizermos, individual. Cada surdo-mudo é ensinado isoladamente. O hespanhol Ponce fazia com que o seu discipulo lésse nos labios do seu interlocutor a palavra que este pronunciava, e respondesse por escripto. Jacob Pereira leva mais adiante o prodigio, consegue que o surdo-mudo responda de viva voz. As palavras que elle pronuncia, pronuncia-as sem a consciencia do som que produzem. Ao movimento dos labios que soletra no interlocutor corresponde com outro movimento dos labios, da lingua e dos dentes que formam o mechanismo das palavras. Devia ter não sei que sombrias tintas de sortilegio a scena em que o primeiro discipulo de Jacob Rodrigues Pereira pronunciou automaticamente a primeira palavra. Pareceria aos espectadores que um cadaver saia do tumulo e soltava por entre os dentes nus esses sons silvantes e diabolicos. Se o sabio judeu houvesse commettido a imprudencia de voltar a Portugal com que delicioso requinte de torturas não castigaria o Santo Officio essa obra magica de caridade!

Temos, pois, o systema de Ponce aperfeioado por Jacob Pereira; o do abbade de l'Épée veremos que foi tambem preparado por elle, com a invenção que se lhe deve do alphabeto manual, auxiliar do alphabeto labial.

Era natural de Peniche este Jacob Pereira; o anno em que saio de Portugal não o sabemos ao certo, o motivo facilmente se adivinha. A inquisição, expulsando da patria uma raça altiva e intelligente, espalhou por todo o mundo grandes homens, de que nos poderiamos ufanar; e que enriquecem os fastos de alheias nações. Na historia litteraria, scientifica e politica dos paizes estrangeiros encontramos, muitas vezes, nomes que facilmente se reconhecem como portuguezes, apesar duma ou doutra corruptela. Esses homens notaveis, que lá fóra encontraram abrigo, são os judeus expulsos de Portugal pelo Santo Officio, ou descendentes delles! E' mais um favor que devemos a essa benefica instituição!

Já em 1734 o vemos em França occupando-se activamente da revolução do grande problema a que dedicou a sua vida; a 22 de novembro de 1746, um seu discipulo, de 16 annos de idade, é apresentado á Academia de Caen e excita geral espanto pela sua rapida comprehensão, e facilidade das respostas. Em 1749, debaixo da patronato do grande escriptor e celebre naturalista conde de Buffon, que lhe fez o mais lisongeiro acolhimento, foi apresentado, com o mesmo discipulo, á Academia das Sciencias de Paris. Esta nomeiou uma commissão, que deu sobre o que presenciára o mais favoravel parecer, notando que era o primeiro caso que em tal objecto se

admirava. Adquirindo, por esse facto, grande nomeada o nosso compatriota. Luiz XV manifestou desejos de o ver. Foi Jacob Pereira, acompanhado do mesmo discipulo, e obteve do monarcha as mais lisongueiras demonstrações de agrado. Em 1751 apresentou outro discipulo á Academia e a 22 de outubro, do mesmo anno, el-rei conferio-lhe uma pensão de 800 libras annuaes (libras francezas) e outra pensão igual ao primeiro discipulo. Em 1765 foi nomeado interprete do rei para as linguas hespanhola e portugueza. Morreu em 1774, e jaz sepultado no cemiterio da Vilette.

Mereceu o nosso compatriota os maiores elogios dos periodicos e dos escriptores do tempo, e entre estes do mais illustre e do menos elogioso de todos J. J. Rousseau. Quizeram vel-o os reis da Polonia, da Suecia, da Dinamarca. Lisongueiras demonstrações de apreço, de que Portugal se deve ufanar, e ao mesmo tempo envergonhar, pensando que um dos seus filhos mais prestantes, ao passo que era em toda a parte acolhido com admiração e estima por grandes e monarchas, era proscripto da sua patria pelo mais estúpido despotismo que nunca pezou sobre um paiz.

E, prestada esta homenagem ao nosso illustre compatriota, curvemo-nos agora com respeito perante um grande vulto que domina todos os seus predecessores, perante o homem que, no meio deste chaos de systemas incompletos, soube descortinar o verdadeiro, e emancipar os surdos-mudos pelos meios singelissimos, que a natureza mesma lhe indicava, e que Jacob Rodrigues Pereira presentira quando inventára o alphabeto manual.

Foi na opulenta Versailles, na cidadinha predilecta de Luiz XIV que nasceu o abbade Carlos Miguel de L'Épée a 25 de novembro de 1712. Seu pae, architecto regio, desejava, como quasi todos os paes, que seu filho seguisse a mesma profissão, mas elle, pelo contrario, pouco fascinado pela glória dos Vignolas e dos Mansards, sentia-se atrahido irresistivelmente para a carreira ecclesiastica. Talvez o escandaloso e torpe espectáculo que a cõrte do christianissimo rei Luiz XV dava nessa epoca ao mundo contribuisse para espavorir a alma ingenua e pura do juvenil L'Épée. Contra esses desregramentos, em cuja torrente se via envolto, julgava talvez o presbyterio um piedoso abrigo; e foi em Versailles, no centro do grande turbilhão das devassidões francezas, que o nosso biographado devaneou as alegrias austeras do sacrificio e do renunciamento aos prazeres mundanos, e os jubilos mais suaves, mas não menos puros, da meditação philosophica, da leitura e do estudo das questões que interessam a humanidade.

Esta vocação era sincera, e robusta, tão robusta que venceu a opposição de seus pais, tão sincera que chegando ao termo dos seus esforços, tendo completado os seus estudos theologicos, recebido o diaconato, e estando para receber as ordens sacerdotaes, recuou diante duma simples assignatura que exigiam d'elle. A sua consciencia rebellava-se contra ella, e o humilde mas austero mancebo não transigia com a consciencia. Numa época em que essas transacções eram tão frequentes, revelava tal recusa um espirito profundamente impregnado na idéa dos seus deveres, e profundamente resolvido a cumpril-os.

Fôra o caso o seguinte :

Duravam ainda nas regiões theologicas da França uns mal extinctos restos da celebre desavença sobre a graça divina, desavença, que ateiou um formidavel conflicto entre jansenistas e molinistas, tendo aquelles por quartel general o convento das freiras de Port-Royal, estes os collegios dos jesuitas. A questão foi resolvida, em tribunal supremo, pelo papa, na famigerada bulla *Unigenitus*, que dava razão aos discipulos de Ignacio de Loyola e condemnava como hereticas as doutrinas dos seus adversarios. O poder temporal veio auxiliar a decisão do pontifice; o convento de Port-Royal foi arrasado, e na diocese de Paris, theatro da lucta, foi imposta a todos os padres a assignatura do *Formulario*, que era uma especie de declaração de orthodoxia debaixo do ponto de vista jesuitico. Foi esse formulario que Miguel de L'Épée recusou assignar, porque as suas opiniões eram jansenistas, como sempre continuaram a ser, o que lhe valeu alguns embaraços serios na sua vida.

(Continua)

M. PINHEIRO CHAGAS.

PASSATEMPO LITTERARIO

A viagem do Presidente De Brosses pela Italia, na parte anecdotica e faceta

I

O Presidente De Brosses, de grande nomeada na republica litteraria, viajou pela Italia nos annos de 1737 e 1740, e aos seus amigos deu conta das impressões de sua viagem, em cartas preciosas que, em 1799, foram pela primeira vez dadas á estampa, e em 1858 reimpressas mais authenticamente, sob o titulo de — *Lettres familières écrites d'Italie en 1739 et 1740 par Charles de Brosses*.

Não me occuparei eu de examinar este livro na parte em que dá noticia das bellas-artes, da litteratura, da historia, e da politica da Italia na primeira metade do seculo XVIII. Muito ha ali que aprender, muito que aproveitar; mas não entra no meu plano occupar-me dessa, aliás muito importante parte da obra.

O meu unico intento é communicar ás pessoas, que não pôdem consagrar muito tempo á lição de escriptos volumosos, o prazer que me causaram as engraçadas anecdotas e as finas observações do Presidente De Brosses.

Quando ouço a incomparavel musica do *Barbeiro de Sevilha*, digo sempre comigo: O grande Rossini esteve a rir desde o principio da opera até o fim: nem por um só instante o abandonou o zombeteiro genio da alegria.

A mesma observação applico ao Presidente De Brosses. Dir-se-hia que o deus Momo esteve constantemente ao lado do illustre escriptor das cartas, a não ser nas occasiões em que este empregava a sua alta intelligencia e fino gosto no exame dos primores da pintura, da esculptura, da architectura, ou fallava dos manuscriptos do seu predilecto Sallustio, ou encarecia o merecimento do seu querido Ariosto, ou referia as conversações que tivera com os grandes homens da Italia.

— Antes de começar a entreter os leitores com os apontamentos que tomei, devo observar-lhes que De Brosses é severo contra o fanatismo, não poupa a superstição, e lança, ás mãos cheias, o

ridiculo sobre a hypocrisia e arteirices; mas respeita a religião, no que ella tem de verdadeiramente puro, de sublime, de venerando.

Os seus gracejos, neste genero de assumptos, não vão implicar senão com as exterioridades menos graves, ou com os desvios e demasias, que accusam ignorancia, ou pensamentos reservados, ou intuitos interesseiros, — na pessoa dos que devem cultivar a rasão, dar preito á singeleza e á lealdade, e obedecer a inspirações nobres e desinteressadas.

— Posto isto, entremos sem mais preambulos na materia.

— Nas visinhanças de Avinhão visitou De Brosses o convento da Cartucha de Villeneuve. A igreja pareceu-lhe bella, e sobretudo apparatusa pelas douraduras, pelos paineis, e pelos mausuléos de alguns pontifices.

Deu um tal geito á expressão, no que toca ao desfavoravel juizo ácerca dos mausuleos, que logo no começo da correspondencia mostrou sua disposição para gracejar e rir: *A igreja é bella, muito dourada, cheia de pinturas, e de tumulos de papas, os quaes, de si proprios, não são grande cousa: fallo dos tumulos e não dos padres santos...*

Fôra maravilha que, estando De Brosses em Avinhão, não fosse visitar o tumulo de Laura — a memoravel amante de Petrarca. Dirigio-se, pois, ao convento dos Franciscanos, e lá foi em demanda do romantico monumento. A realidade não correspondeu á sua expectativa. Encontrou apenas uma lapide muito velha, a um canto muito desasseado e escuro. Vio o soneto em italiano que Petrarca mandou pôr no tumulo, e os versos francezes que Francisco I improvisou diante do mesmo tumulo. O rei francez não ficou sem o seu quinhão de critica, da parte do nosso viajante, «Os versos, diz De Brosses, não seriam bons, se os houvesse composto Marot; mas, improvisados por um rei, não são máos.»

Em um dos altares lateraes da Cartucha de Villeneuve vio uma pintura, que representava a historia de santa Rosalina, martyr. A santa pareceu-lhe linda como os amores (*Jolie à ravir*); e, ao transmittir ao seu amigo de França as impressões que recebera, diz-lhe com enthusiasmo: *Ah meu Blancey!... Tenho para mim que muito maior numero de almas destes bons padres fez ella perder, do que quantas jamais salvou a regra de S. Bruno!*

— Embarcou em Marselha para Genova, em companhia de dois francezes nobres, seus amigos, Lacurne, e Loppin.

Passando perto de Nice (que hoje pertence á França), saltaram em terra, e foram dar uma vista d'olhos á povoação. O que sobretudo surpreendeu D. Brosses, foi encontrar uma porta que tinha a seguinte inscripção, formulada no estylo do paganismo: **DIVO AMOEDEO!**

É com effeito, por mais illustre e benemerito que seja um personagem, é certo que tem resaibo de idolatria pagã endeosar um principe, que nem por ser principe deixava de ser homem.

— Defronte de Villa Franca principiou o vento contrario a fazer balançar mais fortemente o navio, e desde logo veio o impertinente enjôo affligir os nossos viajantes. Lacurne lamentava-se amargamente, e exclamava «que se arrependia muito de ter vindo de tão longe. . . a offerecer a nações estranhas o spectaculo da sua fraqueza!»

A embarcação, contrariada pelo vento, cingiose com a costa, de sorte que aos viajantes foi facil desembarcar aqui e acolá.

Em Albenga, na risonha *Ribeira de Genova*, uns frades capuchos deram aos nobres francezes um quarto, e lume para mandarem preparar a ceia. Em testemunho de agradecimento, quando foi á despedida, endereçou De Brosses um discurso emphatico ao guardião do convento, rompendo assim: *Finalmente, pois, meu querido capuchinho, sois um homem encantador!*... Vendo, porem, que o guardião não entendia o francez, poz um dique á torrente da sua eloquencia, e prometeu mandar-lhe um interprete da sua ordem, que houvesse de traduzir o encetado discurso.

Passando ávante, na mesma costa, foi-lhe necessario dormir em uma cabana, uma verdadeira caverna. O calor suffocava o; e não podendo se quer respirar, correu apressado para a borda do mar, jurando que nunca mais tornaria a deitar-se em uma *machina pneumática*. — Á borda do mar começaram a apparecer umas poucas de rapariguinhas dos arredores, — e o viajante entreteve-se em dar-lhes beijamão, á custa de uma moedinha de cobre que dava a cada uma.

O vento não mudava, e forçoso foi mandar a embarcação *a todos os diabos, isto é, mandal a para Genova, o que vem a ser o mesmo*. (De Brosses fazia uma engraçada applicação do famoso dito de Luiz XI: *Os genovezes entregam-se; mas eu entrego-os ao diabo*.)

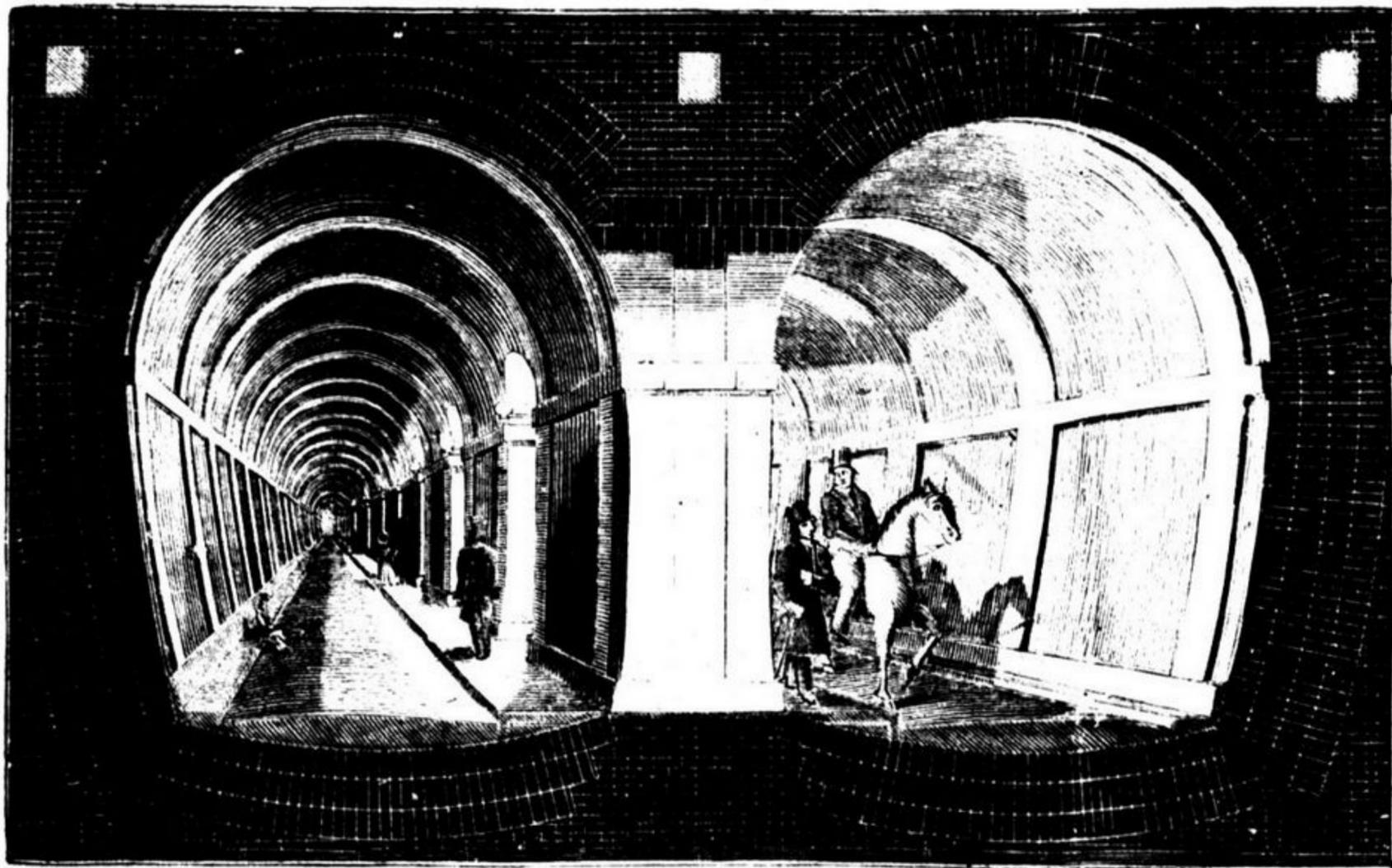
— Fallando de Genova, diz de Brosses que antes de sair daquella cidade era dever seu recordar o famoso proverbio: *Mare senza pesci; monti senza legno; uomini senza fede; donne senza vergogna*. (Mar sem peixes; montes sem arvoredo; homens sem fé; mulheres sem vergonha.) Declara que

não frequentou a cidade, quanto bastasse para saber se era verdadeiro o ultimo artigo; mas que um genovez lhe asseverára não haver em Genova uma só esposa infiel, — o que aliás lhe parecia mais duro de crer, do que a prata do banco. Em quanto a *homens sem fé*, reconhecia como bem fundado o proverbio. Negociantes, estalajadeiros, alquiladores, operarios, freiras... tudo lhe pareceu de uma velhacaria e má fé inauditas; de sorte que saio de Genova irritado no ultimo ponto contra aquella *piotharia de republicanos* (*outrément courroucé contre cette vermine de républicains*.)

— Não tomemos muito a serio o desaffogo do viajante; tenhamol-o na conta de exaggerado e de menos justo a respeito de Genova; e em todo caso, reparemos em que foi isto escripto ha mais de um seculo.

Sempre quero explicar aos leitores o porque — até as freiras foram comprehendidas no terrivel anathema do viajante. — Desejando comprar flores de Chiavari, famosas e muito estimadas naquelle paiz, foi a um convento de religiosas. Ao principio tudo foi comico; mas no fim veio a catastrophe... As freiras quizeram ouvir uma descripção da Franca; mas De Brosses não entendia o que ellas diziam, nem ellas a elle; de sorte que tudo se passou em risadas geraes. Veio a vez da compra das flores, e as santas mulheres venderam-lhe cada haste por uma libra (*elles me les vendirent, s'il vous plaît, un louis le brin*.) De Brosses comprou duas hastes que em Franca custariam quando muito quarenta soldos. *Inde ira*.

— Não mais, por hoje. — Em outro artigo voltaremos a acompanhar o nosso folgasão viajante.



O tunnel de Londres e os dois engenheiros Brunel.

A industria ingleza, que occupa um lugar tão eminente na Europa moderna, effectivamente de-
ve uma parte do seu justo renome aos estrangeiros intelligentes que a Grã-Bretanha tem tido

o bom senso de acolher e animar. No seculo XVI, sob o reinado de Isabel, mineiros allemães ensinaram aos inglezes um meio melhor de explorar as riquezas do seu solo; hollandezes formaram os seus engenheiros e ensinaram-lhes a construir asenhas, bombas aspirantes e diversas obras mecanicas. Os flamengos, desterrados do seu paiz pelas perseguições do duque d'Alba, refugiaram-se na Grã-Bretanha e ali naturalisaram o fabrico dos tecidos lavrados, pannos, tapeçarias de Flandres, etc.; emfim, a revogação do edicto de Nantes lhe enviou uma infinidade de sabios, artistas, artifices, habéis no fabrico do vidro, do velludo, da seda e da cambraia. Assim, é um pouco difficil remontar á origem da maior parte das grandes descobertas industriaes da Inglaterra sem encontrar um nome francez. É uma serie não interrompida, começando em Denis Papin, o primeiro francez que ali revelou essa gigantesca potencia, o vapor, que só por si produz á Inglaterra uma somma de trabalho igual á que poderiam produzir, com seus braços, duzentos milhões de homens, e continuando-se por Thomaz Savery ou Savory, emigrado francez a quem Newcomen se associou, para construir a primeira machina de vapor; Desaguliers, filho de um ministro protestante, auctor bem conhecido de um excellente *Curso de philosophia experimental*; Briot, o engenhoso mecanico que, não achando nenhuma protecção na França, exportou para Inglaterra, pelos annos 1623, a sua machina de fazer moeda, por um novo systema; e mais recentemente, Dollond, o habil optico; Foudrinier, o inventor da nova machina de fabricar papel; e os dois engenheiros Brunel, pae e filho, que, não obstante virem no fim desta lista, não são menos dignos de memoria, e cuja biographia procuraremos esboçar.

Nascido em 25 de abril, na pequena aldéa de Hacqueville, na Normandia, Marc-Isambert Brunel mostrou de verdes annos uma decidida vocação para a mecanica. Frequentava as officinas do marceneiro e carpinteiro de melhor vontade que a escola. Ao passo que se exercitava em manejar os instrumentos, em traçar planos, ia despresando cada vez mais a grammatica e o latim, com grande desesperação de seu pae, que o destinava aos estudos ecclesiasticos. Reprehensões, castigos, tudo era baldado. Aos onze annos, entrou no seminario de Saint-Nicaise, em Rouen; mas a sua propensão para a mecanica persistio. Vendendo um novo instrumento em uma cutelaria teve logo desejos de compral-o, e para isso empenhou o seu chapéo. Nas horas de recreio, o seu maior prazer era vér descarregar os navios. Um dia excitaram-lhe a sua curiosidade umas peças gigantescas de fundição, que faziam parte de uma machina de vapor, ou bomba de fogo, como então se lhe chamava, destinada ao serviço hydraulico de Paris.

— Que é isto? perguntou Brunel. É ferro forjado ou fundido? Donde vem isto?

E como lhe responderam: — De Inglaterra.

— Oh! tornou elle, quando fôr homem, hei de ir ao paiz onde se fazem estas bellas machinas!

De volta á casa paterna, empregava todo o tempo que lhe deixavam os seus estudos em fazer diversos instrumentos de musica. Inventou uma machina de fabricar bonés de algodão, que ainda hoje é usada na Normandia. Seu pae,

vendo-o, de dia para dia, cada vez mais abstraído, predisse-lhe que nunca chegaria a ser um ente prestavel, e que toda a sua vida não faria mais que vegetar. Vendo que não podia fazer delle um cura, resolveu-se a fazel-o entrar na marinha, aos dezeseite annos, como voluntario. A bordo, Brunel continuou as suas occupações favoritas. Fez uma bussola de ebano tão bem executada e tão certa que não recorreu a outra durante toda a navegação. Sendo a equipagem de que fazia parte licenciada em 1793, o joven Brunel, depois de seis annos de serviço, dirigio-se a Paris, para procurar emprego. Era realista, e não o occultava. No dia da condemnação de Luis XVI, mostrou-se indignado, e teve em um *café* uma grande altercação com alguns ultra-republicanos. Felizmente poudo fugir das mãos dos seus inimigos, que estavam mui dispostos a exigir-lhes caro pelo atrevimento, no dia seguinte deixou Paris. Em Hacqueville tambem não estava seguro. Receiando comprometter sua familia, foi passar alguns dias em Rouen com o consul americano, que era muito seu amigo. Foi ali que elle tomou conhecimento com miss Sophia Kingdom, que, mais tarde, devia ser sua consorte. Ambos da mesma idade, com as mesmas opiniões, expostos aos mesmos perigos, porque a joven ingleza, denunciada como suspeita, procurára um refugio sob a bandeira americana, choraram ambos a sua sorte e amaram-se. Mas o reinado do *terror* separou os. Brunel partio para os Estados Unidos, onde esperava adquirir melhor posição. Miss Kingdom, encarcerada, não recobrou a sua liberdade senão passados oito mezes; em julho de 1694 vio, emfim, abrirem-se as portas do convento onde a encerraram, e algumas semanas depois voltou a Inglaterra.

Vollando a Brunel consta que se dirigira de New-York a Albany, onde encontrou dois dos que tinham sido seus companheiros de viagem, encarregados de organizar uma companhia franceza para a exploração dum vasto terreno situado ao longo da ribeira Negra, perto do lago Ontario. Aceito na qualidade de sub-agrimensor, partio com tres francezes e quatro indios. O paiz, deserto, era coberto de florestas virgens. Durante um longo trajecto, encontraram um pequeno numero de aborigenes, que, por muito tempo, conservaram a lembrança do engenheiro Brunel. Nos intervallos dos seus trabalhos, voltava a New-York; foi ali que elle concebeu o plano da sua celebre machina de moutões.

— O primeiro pensamento, dizia elle, occorreu-me em um jantar em casa do major general Hamilton; o segundo na floresta, um dia em que, repousando debaixo duma arvore, abria com um canivete varias iniciaes no tronco; a curva de uma das letras impressionou-me e exclamei: «É isto; o meu moutão terá esta fórma.» Adivinhaes quaes eram as iniciaes: um S e um K.

(Continua)

F. A. D'ALMEIDA.

A GALATÉA MODERNA

(Continuado de pag. 88)

XIX

Dois esboços

Diz Valter Scott, não sei em qual dos seus admiraveis romances, que o melhor e mais commo-

do privilegio do poeta romancista, é o não estar adstricto a nenhuma das tres unidades aristotelicas. Usando desse privilegio, e reduzindo-nos, se necessario fôr, ás tenuissimas formas dos elphos germanicos, entremos no *boudoir* da baroneza, por horas mortas da noite, findo que foi o episodio, que narrámos no capitulo antecedente.

A baroneza, semi-vestida, ou semi-despida, como melhor aprouver ao gosto apurado da leitora, estava radiosa de formosura e contentamento.

Encostáda a uma galante secretaria de carvalho, gosto Luiz XV, scismava profundamente; mas de quando em quando, um riso de suprema satisfação lhe volteava nos labios, e os olhos despediam um clarão subito, faiscante, cheio de voluptuosidade.

— Elle ama-me, dizia a baroneza, e o seu amor é a extrema ventura, que ambiciono da vida. Amal-o, ser delle, desprezar o mundo, arrastar o meu nome pelas catacumbas da calumnia, se tanto fôr mister, é o meu desejo. Que me importa o que hade dizer a sociedade? Acaso me dá ella a felicidade? Para que confranger o coração, que só por Alfredo bate, e por elle anceia em cada pulsação? Oh! se a vida é o amor, como hei de viver sem Alfredo? Que agro e deserto me seria o mundo! Que negrumes e medonhas trevas no meu horizonte! Que asphixia lenta e implacavel! Não! Quando falla o amor e se alevanta, como uma onda encapellada, immensa, no peito, a consciencia calla-se, a honra cáe ainda que tombe para não mais se erguer, a mascara impostora desafivela-se, a mão fremente agarra, com o desespero do naufrago, o amante adorado. E eu amo, amo louca, infernalmente. Amo Alfredo, apesar de tudo e contra tudo.

E a baroneza ergueu o corpo, que tremia de emoções omnipotentes e irresistiveis. Depois, encostou-se outra vez, debuxando na penumbra uns contornos flexiveis e mocios, que o Ticiano e o Veronèze invejaram.

— E amar-me-ha elle? perguntou, após alguns minutos de profundo pensar.

Neste momento, e como a baroneza se aprestasse a responder á propria interrogação, entrou uma creadinha gentil e airosa, com uma carta, que entregou.

— Ah! Será possivel? exclamou a formosa senhora, despedindo com um gesto arrebatado a creada. É de Alfredo! O que me dirá? Vejamos. A baroneza abriu fremente a carta, e leu em voz baixa:

Exm.^a sr.^a Desculpe a hora intempestiva, e mais que tudo, o que vae ler nesta carta. Ha certos momentos na vida, em que a hesitação não é licita, e a razão fria perde os seus direitos. Eu estou nas criticas circumstancias de um homem, que accorda sobresaltado e involto nas chammas. Ninguém exija desse homem que obre com tino, ponderando todos os alvitres e opiniões. Asphixiado com o fumo, perseguido pelas labaredas, que já o enroscam; verdo as paredes e tectos cairem alluidos, prefere a morte quasi certa á certissima

e terrivel realidade. Abre a janella, não mede o abysmo, não interroga o negrume das profundezas, e ainda que, lá em baixo, ruja o oceano e as ondas batam nas penedias, lança-se com a furia do desespero. Se o acaso ou a Providencia o salvarem fica espantado da propria e ficticia coragem.

Tal é o meu estado.

Hoje, no theatro, rememorando os passados tempos, cravando os olhos nos de v. ex.^a, senti não sei que emoções. Como eu cheguei quasi ao delirio, melhor pôde explical-o v. ex.^a, causa delirante, do que eu, pobre victima.

O que eu sei é que necessito de lhe dizer que a amo tão louca e phreneticamente, que tenho coragem para lho dizer, e arrostar com o seu desprezo e indignação.

O meu coração é como um daquelles palimpsestos, que nos legara a antiguidade. Escreveu lá a natureza a palavra *amor*: mãos estranhas a apagaram e obliteraram; bastou, porem, que v. ex.^a lançasse olhos piedosos, para que a escripta antiga apparecesse outra vez.

Eu podera dizer-lhe muito e muito ácerca desta paixão, que surgiu de repente. Tão malharatada anda a electricidade do amor pelos poetas, que não me atrevo a dizer que v. ex.^a me fascinou com os seus raios.

Em bellissimos versos nos conta um poeta da antiguidade o como, pelo porte e pelo gesto, delatou o sua natureza divina uma deusa, que appareceu aos mortaes. Pois de v. ex.^a posso eu dizer outro tanto. Pareceu-me que nunca a tinha visto, porque só desde aquelle momento conheci que devia idolatral-a.

Repito ainda outra vez, embora não queira ouvir-me: — Amo-a. Nisto se resume tudo. Contar-lhe o que sinto é desnecessario e impossivel. Explicar e o meu proceder, é inutil. Pensar no meu arrojo, lembrar-me da sociedade e do castigo que v. ex.^a pôde applicar-me, não posso nem quero.

Amo-a, e tudo está explicado. O amor é a melhor e a mais poderosa razão das acções dos homens. Se v. ex.^a me precipitar num infernar de penas, direi sempre, como um dos condemnados do Dante: amo-a.

Fico esperando o meu destino, que está nas mãos que eu anceiára beijar. — *Alfredo*.

A baroneza soffrera uma como transfiguração. Dilatava-se-lhe o peito, arquejava-lhe o coração, os olhos abriam as pupillas, como se quizessem ver ao longe, na amplidão, a imagem querida. Tanto era o amor que esta frigidissima e insulsa carta lhe engolphára na alma, que por um pouco perdeu a expressão lasciva, e tomou um ar seraphica e puro. Voltaram logo as paixões e passado pouco estava respondendo a Alfredo.

À mesma hora e em sitio não longe, pela fresta de uma janella mal cerrada, que deitava para um formoso jardim inglez, via-se um perfil de mulher, algum tanto severo e pensativo, realçado

por um alvissimo véo de melancolia. Era Violante, a bella violeta do val. Estava sentada, ainda vestida com o *toilette* do theatro. O seu busto reflectia-se escassamente em um grande espelho de moldura antiga, de sorte que na solidão do quarto, por horas mortas da noite, quem attentasse naquella imagem longinqua, julgára entrever algum pallido phantasma, uma dessas virgens decepadas na primavera da vida, e que, baixando ao sepulcro, cercadas de rosas e perfumes, saem melancolicas e tristes a divagar pelo mundo. Pedem amor as pobres virgens, que, ainda depois de mortas, gemem na viuvez. Debalde se revolvem no leito de marmore; debalde espreitam pelas fendas do tumulo; debalde aspiram o perfume das flores e recebem no peito o raio da lua coado pelos ramos sombrios do ciprestal. Já a brisa da madrugada as enregela; já as estrellas se somem nas profundezas; já os pyrilampos se escondem no relvado. E o amante não veio, e as virgens desoladas encostam a campa e lançam-se outra vez nos braços da morte.

Violante estava pensativa e triste, como quem deixou no passado uma lembrança de felicidades, que não mais podem tornar. De quando em quando olhava para um berço, aonde dormia o placido somno da innocencia, um filhinho, que ella estremecia. Nesse olhar estava-se reflectindo aquelle entranhavel affecto de mãe, a qual, no frescor da mocidade, resume todos os seus amores na creança, penhor do futuro, esquecimento do passado, alegria e conforto do presente.

— Meu Deus! exclamava Violante, deixando escorregar pelo rosto seraphico, de saudosa, duas lagrimas, que muito tempo baloiçaram nas palpebras. Meu Deus! Tenho medo daquelle homem. Ah! quão louca fui! Porque recusar a felicidade que elle me offertava? Foi um capricho, bem o sei. Foi um desses impulsos, que nos obrigam, a nós, mulheres de sentimento. Dar-me a elle, eu, que cheguei a querer... vender-me! Horror! E depois, eu que julgava o mundo um paraíso, que só a mulher livre e marmorea poderia gosar! Eu, que fugia do amor, como de cadêas importunas e pesadas! Oh! Mas é necessario evitar Alfredo! É mister fugir delle, como de um demonio tentador e maleficio. Se elle soubesse como está vingado! Amal-o!... Jámais. Ainda que houvesse de despedaçar-me, nunca lhe confessaria o meu amor. Não! Eu não o amo... não quero, não posso, não devo amal-o. Como eu seria feliz nos braços delle, se a felicidade se podesse encontrar no crime! Como o meu coração pulsaria alegre ao pé do delle! Como a vida me sorrira, na doce embriaguez da paixão! Porque quebrei a melodia nativa e singela daquelles primeiros dias, em que toda eu me cobria de rubor, só de o ver ao pé de mim? Para que aggravar o mal com estas recordações? Para que revolver na ferida o punhal? Se já tanto me peza o isolamento da vida, para que povoal-a de illusões e enganos traçoeiros, e de saudades incontrastaveis! A solidão! E não tenho ali, naquella berço, o meu filhinho, o filho

dos meus enganos, que me promette tantas felicidades! Ah! santas esperanças da minha vida, proseguiu Violante ajoelhando junto do berço, não me abandoneis! Meu filhinho innocente, tu és a minha derradeira consolação! Encosta a cabecinha gentil no meu seio; extingue, com os teus sorrisos, o sinistro lampear dos passados erros! Abre bem esses teus olhos tão limpides e puros contempla a tua pobre mãe; reparte com ella a corôa da innocencia e placidez; quando sonhares com os anjos, lembra-te de mim, que te amo tanto, anjinho immaculado. Viver contigo e por ti; reunir na tua, toda a minha felicidade, a mais não aspiro. Affugenta as visões que me perseguem! Olha. Não vês? Scintillam as estrellas no céu. Que mysterios te estão ellas contando? O que te diz o perfume das flores? Pois eu amo-te mais do que as estrellas e as flores.

E Violante ergueu-se. Toda ella se estava revendo no innocente que dormia. Santo amor de mãe, que dispersas para longe todas as tristezas, toda essa lenta agonia, de um coração que ama, e não quer amar!

(Continua)

A. OSORIO DE VASCONCELLOS.

UMA OBRA DO SECULO IX

Chronicon albeldense

(Continuado de pag. 104)

15. Alarico, reinou XVIII annos, e para vingar a morte de CC mil Godos que o Scita Radagaiso caudilhava, marchou com o seu exercito sobre Roma, e tomou-a, apresando com todas as suas riquezas Placidia, filha do Imperador Theodosio. Depois, sob o imperio de Honorio e Arcadio, morreu Alarico em Italia.

16. Ataulpho, reinou VI annos. Casou com Placidia, e no V anno do seu reinado, dirigio-se da Italia ás Gallias. Tendo vindo a Hespanha, foi morto delos seus em Barcinona, sendo Imperadores Honorio e Arcadio.

17. Sigerico, reinou I anno. Querendo fazer as pazes com os Romanos, foi prestes morto pelos seus sob o imperio já dito.

18. Ballia, reinou III annos. Foi guerreiro, fez a paz com o Imperador Honorio, e restituiu-lhe sua irmã Placidia. Penetrando no interior da Hespanha, destroçou na Betica os Wandalos e Silngos, e reduzio á nullidade os Alanos. Dispôz uma esquadra para passar a Africa, mas o mar Gaditano impedio-o. Voltou ás Gallias, e ali morreu sendo Imperador Honorio.

19. Theodoredo, reinou XXXIII annos. Matou muitos milhares de Romanos, e o seu general Litorio. Tambem matou CC mil Hunos, e pelejando com elles morreu durante o imperio de Theodosio menor.

20. Turismundo, seu filho, reinou I anno. Sendo cruel e inimigo de todos, deram-lhe a morte seus irmãos Teuderic e Friedario, quando Marciano era Imperador.

(Continua)